



A TEMPORALIDADE NA ERA DA URGÊNCIA: CONSIDERAÇÕES SOBRE O TEMPO DO SUJEITO

Alice Vargas Vieira Mattos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2682-3246>.

E-mail: alicevwm@gmail.com.

Ligia Gama e Silva Furtado de Mendonça

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-0331-0640>.

E-mail: ligia.mendonca@gmail.com.

Resumo: Este artigo se propõe a analisar a experiência da temporalidade nos dias atuais, a partir do impacto da urgência contemporânea que ocorre, principalmente, por meio dos imperativos de desempenho. Com isso, busca-se pontuar a maneira pela qual tal problemática reverbera no sujeito, hoje, e explora-se a importância de não atrelar o tempo do sujeito ao sistema de produção vigente. Inicialmente, serão discutidos os imperativos de produtividade e o consumismo para, assim, elaborar a concepção do tempo para a psicanálise, desenvolvendo o modo pelo qual ela concebe a temporalidade em seus diferentes aspectos, tais como a atemporalidade do inconsciente, o tempo próprio da pulsão e o tempo lógico. Com esse percurso, a relevância da experiência analítica hoje será investigada; questiona-se a possibilidade de adoecimento do sujeito diante desse tempo experienciado como pura pressa.

Palavras-chave: Psicanálise. Temporalidade. Urgência.

TEMPORALITY IN THE ERA OF URGENCY: CONSIDERATIONS ABOUT THE SUBJECT'S TIME

Abstract : This article proposes to analyze the experience of temporality nowadays from the impact of contemporary urgency, which occurs, mainly, from the imperatives of performance. With this, it seeks to point out the way in which this problem reverberates in the subject today, and explores the importance of not linking the subject's time to the current production system. Initially, the imperatives of productivity and consumerism will be discussed in order to elaborate the conception of time for psychoanalysis, developing the way in which it conceives temporality in its different aspects, such as the timelessness of the unconscious, the proper time of the

POLÊM!CA

LABORE



Polêmica - Revista Eletrônica da Uerj - Rua São Francisco Xavier, 524, 1º andar

bloco D, sl.1001 • Tels.: +55 21 2334-4088 / 4087 • <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/index>
<http://www.labore.uerj.br> • laboreuerj@yahoo.com.br

drive and the logical time. With this path, the relevance of analytical experience today will be investigated, and the possibility of illness of the subject in the face of this time experienced as a pure haste is questioned.

Keywords: Psychoanalysis. Temporality. Urgency.

Introdução

Diante da percepção da urgência e velocidade, na atualidade, como imperativos de um discurso capitalista que prega a máxima de que “tempo é dinheiro” e de que a temporalidade deve ter seu melhor proveito, na medida em que seja destinada à ideia da produtividade e geração de algum lucro, este trabalho pretende analisar o impacto dessa aceleração no modo do sujeito se relacionar hoje.

Assim, uma vez que o imediatismo se coloca como característica da cultura contemporânea, é perceptível o seu impacto em diversos âmbitos da vida dos sujeitos: na alimentação – com os *fast-foods* –, nos serviços de entrega em tempo recorde, no mercado de trabalho, na educação, nas relações, no modo de consumir, na forma de lazer ou mesmo no modo de querer aplacar o sofrimento psíquico, principalmente, por meio de medicalização e práticas que prometem uma solução momentânea.

Na atualidade, há o imperativo de que os indivíduos devem aproveitar cada momento do tempo em nome da produção, da eficiência, da busca por foco e disciplina, ou seja, que praticamente operem como uma máquina. O tempo, portanto, passa a ser acoplado à lógica do dinheiro, afinal, no discurso capitalista, eles passam a ser sinônimos, e quando o tempo não é usado para a finalidade que o capital almeja, passa a ser visto como tempo desperdiçado ou vazio. Uma das consequências constatadas dessa forma com que o sujeito se relaciona com o tempo hoje é o seu adoecimento. Logo, como ponto de partida da análise pretendida, utiliza-se autores como Debord, Bauman, Han e Lipovetsky para questionar a atual conjuntura, que envolve as transformações sociais, avanços tecnológicos, aceleração do tempo e mudanças relacionais, pensando sobre a Hipermodernidade e a Modernidade Líquida, a partir de discussões sobre a Sociedade do Cansaço e a Sociedade do Espetáculo.

A psicanálise, no entanto, concebe o tempo na contramão desse discurso capitalista. Portanto, no segundo momento, lança-se mão de produções bibliográficas do campo psicanalítico, principalmente de Freud e Lacan, para refletir sobre a questão do tempo para o sujeito e para a experiência analítica. Com isso, salienta-se a importância de reiterar a fala de Antonio Candido, crítico literário e sociólogo, que diz que o tempo é tecido de nossas vidas, e não um meio de só produzir, consumir e gerar lucros. Logo, tempo não deve ser sinônimo de

POLÊMICA

LABORE



Polêmica - Revista Eletrônica da Uerj - Rua São Francisco Xavier, 524, 1º andar

bloco D, sl.1001 • Tels.: +55 21 2334-4088 / 4087 • <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/index>
<http://www.labore.uerj.br> • laboreuerj@yahoo.com.br

dinheiro. Assim, a psicanálise traz importantes considerações para o modo de pensar a temporalidade, a partir da concepção do tempo lógico, da atemporalidade das manifestações inconscientes, na questão da duração de uma análise e na satisfação ligada à pulsão, que serão abordadas.

Através das presentes considerações, coloca-se como imprescindível abordar o impacto da urgência contemporânea daqueles sujeitos que procuram a clínica, na busca por uma cura de forma rápida e sem grandes implicações, ou seja, que se elimine um sintoma, por exemplo. Desse modo, serão pontuadas as reverberações da associação entre a pressa presente na contemporaneidade e a demanda daqueles que buscam apaziguar suas angústias pela via de um pedido de uma cura rápida, como forma de fuga ao desamparo e tentativa de tamponar uma falta estrutural.

O tempo na contemporaneidade: Hipernormatividade e Modernidade Líquida

Para discutir sobre a questão do tempo e como este é vivenciado pelos sujeitos na contemporaneidade, coloca-se como imprescindível debater inicialmente sobre o horizonte de sentido no qual estamos inseridos. Para tal, há a problemática da contemporaneidade, que é denominada de diferentes formas. Já que, como salienta Birman (2000), há diversas narrativas que partem de variados aspectos, seja de ordem filosófica, política, histórica ou social. Como o foco do presente trabalho não trata de analisar exclusivamente esses termos, não iremos nos aprofundar sobre tal questão, mas faremos um recorte a partir da sustentação teórica de determinados autores que versam sobre a atualidade. Com isso, pretendemos avançar na construção da discussão que se dará ao longo deste artigo, que focaliza no modo pelo qual a experiência do tempo é vivenciada hoje, os discursos que percorrem a cultura e os laços sociais.

Segundo Lipovetsky (2004), vivemos a hipernormatividade. Neste sentido, a atualidade teria como marca temporal o precário e o efêmero, ou seja, o predomínio do aqui-agora. Ela é caracterizada, principalmente, por uma mudança de direção comparada à modernidade, seja no modo de funcionamento social, cultural, quanto pela aceleração da expansão do consumo e da comunicação de massa, o aumento da individualização e o que o autor chama de consagração do hedonismo e psicologismo. Há uma generalização cada vez mais acentuada da tecnologia, do consumo, da globalização, do mercado, da eficiência técnica, enfim, do

excesso, onde a “sociedade do consumo” é marcada pelo “sempre mais”, pela compulsão, vício ou o *frenesi* consumista.

Além disso, há a presença da máxima do desempenho na cultura, com imperativos para que os sujeitos sejam cada vez mais rápidos e mais inovadores. Há, com isso, a busca desenfreada pela adaptação, reforma e exaltação da mudança: o império do novo, onde, em nome da evolução, há o destaque para a obrigação do movimento. Assim, as pessoas se sentem em constante aflição e inquietação, na busca de se manterem no mesmo ritmo dessas mudanças e novidades, quer dizer, “de não ficar fora dos acontecimentos” (CUGINI, 2008, p. 162).

O autor utiliza a denominação hipermodernidade pela marca predominante que se dá pelo excesso. O consumo exerce um papel drástico, na medida em que se busca constantemente a satisfação de um prazer na fugacidade das coisas, tornando-se um ciclo de repetição do qual o capital se utiliza como manobra. Para tal, o tempo passa a ser sinônimo de pressa e aceleração, na busca desenfreada no mundo dos objetos, esses também construídos no mesmo tempo veloz para que o ciclo se perpetue. Como orienta Kehl (2009), vivemos o tempo da impaciência, da rapidez da realização. A questão do tempo passa a dizer respeito à percepção de sua perda.

Há, principalmente, a primazia do interesse pelo presente em detrimento do passado ou futuro. Para Lipovetsky (2004, p. 40) “também é fato que nossa sociedade fascinada pelo frívolo e pelo supérfluo entrou em seu momento flexível e comunicacional, caracterizado pelo gosto do espetacular”. Com isso, cada vez mais se consomem coisas, ou melhor, “imagens-objetos”, como denomina Debord (1997, p. 17). Afinal, vivemos a chamada “sociedade do espetáculo” (*ibid.*, p. 14), na qual o espetáculo se coloca, principalmente, como resultado e projeto do modo de produção e consumo existente, em que o ter – e acrescentaríamos ‘o-ter-de-forma-rápida’ –, sobrepõe-se ao ser. Nesse sentido, o ‘ter-de-forma-mais-rápida-possível’ denota o caráter de compulsão neste ato.

Para tanto, os sujeitos passam a ter uma posição de consumidor nos mais diversos contextos: seja nas relações amorosas, no âmbito alimentício, no informacional, entre outros. Com isso, consome-se informações, conteúdos e muitas vezes pessoas e relações. Destacamos a ideia de perda no verbo ‘consumir’, denotando uma fugacidade e descarte, não havendo tempo para o prelúdio.

Um exemplo dessa lógica consumista que pode ser vislumbrada nas relações se dá pelos aplicativos de relacionamentos, nos quais o usuário julga ter interesse ou não pelo outro a partir do perfil com uma foto e breve descrição. Acabam realçando a primazia da temporalidade contemporânea relacionada ao espetáculo, imagem e pressa, em que o outro passa a ser também um objeto de consumo que pode ser “descartado”. O consumo e a temporalidade, cuja marca principal se dá no binômio “aceleração-descarte” inerentes a nosso tempo, ultrapassa o mundo dos objetos para adentrar no *modus operandi* da atualidade.

De forma geral, Lipovetsky (2004) considera que há um novo arranjo do tempo social referente à transição do capitalismo de produção para uma economia de consumo e de comunicação de massa, e a substituição de uma sociedade disciplinar para uma “sociedade da moda”, no que diz respeito ao efêmero, à renovação, às novidades e às seduções constantes. Já Bauman (2001) elaborou uma análise sobre as grandes transformações conjunturais, relacionadas à radicalização das modificações no âmbito tecnológico, social, cultural e econômico, e no impacto disto para a vida cotidiana. Além dos efeitos nos modos contemporâneos de relacionamentos, sentimentos, afetos e identidades.

O autor cunhou o termo “Modernidade líquida”, para tratar do momento histórico no qual os princípios duros e rígidos da Modernidade sólida estariam dissolvidos. Dessa forma, a liquidez seria uma metáfora para a compreensão da nova forma em que o mundo vem se configurando, em comparação a uma solidez relativa à sociedade moderna, pautada pelo poder disciplinar, em que estaria presente o capitalismo, numa modalidade em que Bauman (2001) concebe como “pesado”, baseado no modelo de industrialização, regulação e acumulação fordista, com o predomínio das grandes fábricas e maquinários.

Ao invés da coerção e do poder disciplinar próprios da modernidade sólida, o que passa a imperar na atualidade são as concepções de tentação e sedução, não mais vinculados a uma força externa que impõe uma autoridade. O poder não se coloca mais como dependente do espaço; ele agora se encontra como extraterritorial, não estando limitado a um ambiente físico, gerando novas e maleáveis formas de obediência. Além disso, na modernidade líquida, tudo flui de forma muito rápida. O que era certo ontem já não é mais hoje. Assim, quase tudo acaba sendo envolvido por tal lógica, desde os esportes aos passatempos, da publicidade à informação, da higiene à educação, da beleza à alimentação, e por fim até mesmo nos discursos que envolvem a saúde, a prevenção e o discurso da “positividade”, onde o sujeito é

aquele que deve se reinventar a cada dia buscando o seu “melhor” com promessas de felicidade e satisfação.

A lógica da brevidade em que “tudo é para já”, que focaliza no aqui-agora, propicia a sensação da simultaneidade e imediatez que desvaloriza, de modo geral, experiências de delonga e lentidão. Isto é perceptível em relação ao fluxo de notícias e informações que vemos diariamente e a cada minuto. Isso é o que La Taille (2009, p. 30) denomina de “estilhaços de conhecimentos”, já que entramos em contato com diversos dados de forma superficial e constante, e muitas vezes o que foi noticiado pela manhã já foi ultrapassado pela notícia da noite. O que acaba imperando é o imediatismo, em detrimento da reflexão e do conteúdo de qualidade.

Assim, tais efeitos se dão a partir dos imperativos que circulam pelo tecido social com exigências de resultado a curto prazo, “fazer mais coisas no menor tempo”, “agir sem demora”, gerando um estresse permanente. “A corrida da competição faz priorizar o urgente à custa do importante, a ação imediata à custa da reflexão, o acessório à custa do essencial” (LIPOVETSKY, 2004, p. 77). Para a sociedade hipermoderna, o tempo é visto e vivenciado como pressão constante, com a sensação incessante de sobrecarga e assujeitamento a ele, juntamente com a sensação da falta de tempo. Logo, o tempo marcado pela aceleração constante é um aspecto norteador para a atualidade. As palavras de ordem “flexibilidade” e “aqui-agora” denunciam, na verdade, os empregos sem segurança, sem direitos e sem prazo fixo. O que impera passa a ser o “*just in time*”, com a prevalência da satisfação momentânea, decorrente de condições econômicas e sociais precárias.

Desempenho na Sociedade do Espetáculo

A cultura do excesso e da imediatez dos resultados presente na sociedade ocidental adentrou, de forma acentuada, nos discursos da saúde, do bem-estar e da felicidade. A exacerbação dos princípios de produtividade e do alargamento do uso da tecnologia impacta profundamente o sujeito da contemporaneidade.

No ensaio denominado *Sociedade do Cansaço* (2015), Han explora como o excesso de positividade do século XXI de uma sociedade do desempenho produzirá patologias psicológicas. Há uma produção de discurso que exalta a positividade, a busca de “propósito de vida” e de “autenticidade” que acabam gerando sujeitos cada vez mais depressivos e

ansiosos, devido à falsa ideia de liberdade e positividade nessas afirmativas que circulam no meio social. Elas se tratariam, na verdade, de uma maneira camuflada de exigência de produção desenfreada, que é muito mais eficaz, pois é internalizada. Há, portanto, uma falsa ilusão de possibilidade de escolhas: o sujeito passa a controlar a si mesmo, sendo ao mesmo tempo o explorador e o explorado. O que há, na verdade, é uma liberdade paradoxal.

Essa era da positividade contrasta com a era anterior, predominantemente negativa. Com ela, paulatinamente preconiza-se mais desempenho, mais amor-próprio, mais autenticidade, mais força de vontade. A demanda abundante de positividade passa a imperar de forma crescente, resultando em uma sociedade adoecida, devido a um cansaço, esgotamento e exaustão inerentes a esse excesso. “A violência da positividade não pressupõe nenhuma inimizade. Desenvolve-se precisamente numa sociedade permissiva pacificada. Por isso ela é mais invisível” (HAN, 2015, p. 19). Ou seja, essa violência é imanente ao sistema.

O controle passa a se dar não mais através de coerções ou mandamentos das instituições disciplinares. Com isso, a negatividade da proibição da sociedade disciplinar não responderia aos fenômenos contemporâneos, justamente porque, na primeira, o que impera é o “não ter direito”, já na segunda é justamente o poder ilimitado e a ideia do “sempre mais” que é exaltado, fruto de uma desregulação progressiva. “O plural coletivo da afirmação *Yes, we can* expressa precisamente o caráter de positividade da sociedade de desempenho. [...] [Agora] entram projeto, iniciativa e motivação” (HAN, 2015, p. 24).

Não há uma ruptura entre a sociedade disciplinar e a sociedade do desempenho, justamente porque a primeira chegou ao próprio limite. O que houve foi uma continuidade para o modelo positivo a fim de um crescimento mais eficaz da produção. O indivíduo, então, passa a não ter mais a percepção tão clara dessa exigência por desempenho e performance como uma demanda externa e confinada a um espaço físico, mas como parte de um propósito seu, como fruto de um desenvolvimento pessoal. “A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade do desempenho. Também seus habitantes não se chamam mais ‘sujeitos da obediência’, mas sujeitos de desempenho e produção. São empresários de si mesmos” (HAN, 2015, p. 23).

O *slogan* de marcas famosas, como “*Just do it*” da Nike, passa a direcionar a vida do sujeito contemporâneo, na qual a pressão é escamoteada com frases que fingem trazer um bem viver. Nessa lógica, não há espaço para o sofrimento nem para a tristeza. O sujeito,

então, passa a ser incitado a realizar uma performance, como um produto que não pode falhar: deve ser cada vez mais feliz e o tempo deve ser visto como momento para ser mais produtivo. Não há tempo vazio, aberto à contemplação, ao *dolce far niente*, ao tédio, que são vistos como tempo perdido, gerando sujeitos deprimidos e ansiosos: “a depressão é o adoecimento de uma sociedade que sofre sob o excesso de positividade” (HAN, 2015, p. 29).

Ao mesmo tempo em que a quantidade de estímulos é ampliada, aumenta-se a carga de trabalho e torna-se necessário um uso de atenção que “maximize” o desempenho, como se prega nos imperativos contemporâneos. A chamada técnica da multitarefa é um meio do sujeito dividir a sua atenção, na tentativa de abarcar todos os estímulos que o alcança. Porém, tal modo de atenção é extremamente raso, não significando, de fato, um “progresso” no âmbito civilizatório – como se procura empregar nos diversos veículos na atualidade –, mas reporta à vida selvagem. Nessa “o animal está obrigado a dividir sua atenção em diversas atividades. Por isso, não é capaz de aprofundamento contemplativo. [...] Essa atenção dispersa se caracteriza por uma rápida mudança de foco entre diversas atividades, fontes informativas e processos” (HAN, 2015, p. 32-33).

Com esse novo modo de direcionar e dividir a atenção de forma dispersa, não se consegue mais sentir um tédio profundo que possibilitaria um processo de criação e imaginação. Há uma intolerância ao tédio e, diante da possibilidade do mesmo, há a procura por atividades de forma incessante, gerando novamente um ciclo de excesso de estímulos que se dá num processo de repetição e inquietação. Com isso, vemos que perdemos nossa capacidade de sustentar o tempo vazio da possibilidade de criar, pensar e refletir.

Dessa maneira, é importante saber dosar o *quantum* de vida hiperativa, sem colocá-la como principal modo pelo qual nossa vida se dá. Sendo assim, a vida contemplativa é viabilizada pela possibilidade de dizer “não” aos excessos de estímulos, ou seja, não aceitarmos passivamente a enxurrada de impulsos que vêm ao nosso encontro constantemente.

Temos, portanto, uma sociedade voltada para a performance e para o espetáculo. Como afirma Debord (1997), o espetáculo é um modelo que está presente na vida socialmente dominante como sua principal produção e finalidade, no âmbito da afirmação das aparências. Apresenta-se como positividade, como algo grandioso, e indiscutível: “o que aparece é bom, o que é bom aparece” (DEBORD, 1997, p. 17). A imagem, o aparecer e parecer passam a

representar a vida social espetacular: “simples imagens tornam-se seres reais e motivações eficientes de um comportamento hipnótico” (DEBORD, 1997, p. 18). O tempo espetacular diz respeito justamente ao tempo do consumo das imagens, isto é, há uma falsa consciência do tempo, na medida em que o espetáculo é uma ausência de história e memória.

A vida do sujeito contemporâneo é cada vez mais representada como um produto - sua saúde, sua psique, seu modo de trabalho, seu modo de relacionar – e, como consequência, ele cada vez mais se separa dela. Separa-se no sentido do espetáculo referir-se a uma fabricação de alienação, ou melhor, “quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende sua própria existência e seu próprio desejo” (DEBORD, 1997, p. 24). O espetáculo denuncia o sistema ideológico em que vivemos, que empobrece a vida e produz um afastamento.

Assim, na medida em que o sujeito se põe como um produto, e como tal, pressupõe que deve ser vendido e consumido, o que predomina nas relações é o espetáculo. Numa sociedade que não tolera a solidão e a contemplação de si, esse culto à performance passa a estar presente também no âmbito da saúde psíquica. Técnicas de produtividade para alcançar propósitos, discursos motivacionais e de autoajuda, a hipermedicalização e terapêuticas diversas são convocadas a atuarem sobre esses imperativos de desenvolvimento pessoal, que crescem exponencialmente. O sofrimento psíquico passa a ser visto como algo que deve ser eliminado, para que o sujeito conquiste sua felicidade.

O problema é, na nossa concepção, justamente o modo pelo qual tais discursos agem sobre o sofrer. Na sua relação com esse tempo marcado pela urgência e pela pressa, o sujeito está adoecendo. E esse adoecimento tem que ser eliminado rapidamente – essa é a lógica contemporânea. Nesse sentido, é importante trazermos a psicanálise como forma distinta de operar sobre o sofrer psíquico e sobre a temporalidade marcada pela urgência. O tempo para o sujeito precisa ser atrelado à pura pressa? É possível um tratamento sem levar em conta as dimensões singulares? Eliminar um sintoma rapidamente é sinônimo de curar? A psicanálise atua em um Outro tempo, que iremos nos debruçar adiante.

A psicanálise e a Outra temporalidade: o inconsciente atemporal

O tempo se tornou sinônimo de urgência na contemporaneidade, impactando profundamente no modo pelo qual vivemos, o que traz graves consequências. O que passa a

imperar é um mal-estar sentido pelos sujeitos, que, na impossibilidade de seguirem a lógica de desempenho total a qualquer custo, sucumbem à angústia, à ansiedade ou à depressão, diagnósticos que crescem cada vez mais.

Na contramão desse discurso atual, a psicanálise opera e valoriza justamente a pausa e a possibilidade de invenção e reinvenção do sujeito, a partir da castração. Dessa maneira, ao contrário do discurso dominante mercadológico, é a partir do tempo considerado como vazio que a psicanálise aposta que há a possibilidade de trabalho em relação às questões subjetivas.

Se no discurso hegemônico da vida contemporânea os estados de tristeza e sofrimento são sinônimos de fracasso, a psicanálise, por outro lado, aposta que eles podem conduzir a um saber. Tal saber diz respeito não mais a uma tentativa de o sujeito satisfazer as demandas de gozo do Outro, presentes na urgência da atualidade, mas ele alude à noção de que a experiência da temporalidade se dê no seu compasso e com certa relação de autonomia (KEHL, 2009).

A psicanálise opera com o sujeito que advém do inconsciente. Com isso, queremos diferenciá-lo do termo indivíduo que, de modo geral, poderíamos dizer que se trata daquele que não é dividido. Com a subversão feita por Lacan no pensamento de Descartes, a verdade do sujeito se dá justamente onde ele não pensa, logo, o indivíduo é ignorante em relação ao próprio desejo, já que se baliza, muitas vezes, a partir da consciência. Dessa forma, o tratamento psicanalítico possibilita o acesso a outra experiência do tempo, própria do inconsciente. Ou, como discorre Fingerhann (2009, p. 59-60), “ela propicia o acesso a uma estranha temporalidade. [...] Abre-se uma temporalidade atordoante para quem chega desprevenido e fica aturdido. Um tempo ‘sem pé nem cabeça’ inaugura-se”.

Na obra freudiana, está presente a noção da atemporalidade dos processos inconscientes. Logo, nas formações inconscientes, tais como os sonhos, os chistes, os atos falhos, os sintomas e a fantasia, não há o reconhecimento do tempo em sua dimensão cronológica, qual seja, a passagem do tempo em uma perspectiva de sequência entre passado, presente e futuro. Portanto, o inconsciente se revela por processos que não são marcados por esse aspecto da sucessão e da ordem, já que essa percepção caberá ao consciente.

No id, não existe nada que corresponda à ideia de tempo; não há reconhecimento da passagem do tempo. Impulsos plenos de desejos, que jamais passaram além do id, e também impressões, que foram mergulhadas no id pelas repressões, são virtualmente imortais; depois de se passarem décadas, comportam-se como se tivessem ocorrido há pouco (FREUD, 1933[1932]/1996, p. 78-79).

Essa passagem ilustra a maneira pela qual a verdade do inconsciente anuncia o sujeito e transmite parcialmente algo do seu desejo inabalável, a partir de uma mensagem cifrada, que são as formações inconscientes.

Além da ausência de negação e de contradição, de ser regido pelo processo psíquico primário (Princípio do prazer), no inconsciente não há a presença de uma linearidade temporal em que o passado estaria longínquo e afastado, o presente seria o “agora” e o futuro, algo distante. A realidade que aqui opera é a psíquica.

Essa ausência de uma temporalidade cronológica e linear pode ser exemplificada através dos chistes. Neles haveria um “encontro do sujeito com a temporalidade inconsciente” (FREUD, 1933[1932]/1996, p. 117) que, através de condensações e deslocamentos, permite que emergja um prazer que é da ordem do infantil, preservado inconscientemente.

Por isso, é importante pontuar sobre as falas comumente empregadas com tons de crítica ao tratamento psicanalítico, sobre ele “se interessar apenas pelo passado ou pela infância”, quando, na verdade, o que surgirá através da associação livre diz respeito àquele que fala sobre as suas marcas, a partir dos processos inconscientes atemporais, cabendo ao analista o manejo disso.

Sendo assim, há um contraste e oposição entre a atemporalidade do inconsciente e a ordem social, já que a primeira pode ser definida por uma coexistência entre diversos e diferentes conteúdos, como “uma trama [...] em que várias representações sincrônicas, associadas em cadeia a cada novo estímulo recebido, coexistem no tempo sem se excluir” (KEHL, 2009, p. 134). Com isso, tal temporalidade linear e narrativa configura-se como forma de um entendimento e significação do registro consciente em relação ao tempo, parte da tarefa do eu de conformação ao Princípio de realidade.

Apesar de estarem em voga falas sobre a “atenção plena”, o “viver o agora”, a consciência, na verdade, é um sistema pobre em relação à elaboração e à associação de representações. Será a partir das narrativas, que “são a própria atualização do passado no presente” (KEHL, 2009, p. 159), que possibilitará que haja a experiência do inconsciente e, portanto, que sejam evocadas as fortes marcas mnêmicas do sujeito. Ou melhor, há a presença “da riqueza de temporalidades superpostas produzida [...] [pelo] trabalho psíquico” (*ibid.*, p. 173). Já que, é importante salientar, o presente sempre estará vinculado aos períodos anteriores, estando relacionado a uma parte do passado, e não puramente ao “aqui e agora”.

Com isso, é apenas ao abandonar a ideia da atenção consciente que o sujeito permite que emergam as reminiscências, as lembranças, e que enfim haja o trabalho psíquico.

Dessa maneira, pretendemos evidenciar e focalizar sobre as temporalidades presentes no aparato psíquico proposto por Freud. Há, portanto, a atemporalidade do inconsciente e de suas manifestações. Há, ainda, o tempo da pulsão, marcado tanto no Princípio de prazer como além dele. É nisso que nos deteremos agora.

Tempo da Pulsão: princípio do prazer e além do princípio do prazer

O sujeito psíquico pode ser concebido a partir de um aspecto temporal no que diz respeito à satisfação. Isto porque há um intervalo em relação à tensão de necessidade de caráter pulsional e a satisfação (KEHL, 2009). Dito de outro modo, como Freud expõe em *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico* (1911/2010), o funcionamento psíquico se dá a partir de princípios reguladores, que são o Princípio de prazer e o Princípio de realidade.

O primeiro é o processo psíquico primário, que se esforça em busca do prazer, ou seja, na diminuição de quantidade de excitação, já que o aumento ou o excesso dela é visto como desprazeroso. Com ele, há uma busca do retorno à vivência primária de satisfação. Há, portanto, uma busca por aquilo que é desejado pela via da alucinação. Porém, com a ausência da satisfação que era esperada, a frustração e a decepção passam a imperar, e a tentativa de se satisfazer pela substituição alucinatória é deixada de lado. Por sua vez, o aparelho psíquico passa a aceitar as circunstâncias do mundo externo e desejar que elas se modifiquem de fato.

Assim, há a introdução de um novo princípio da atividade psíquica: o Princípio de realidade, processo psíquico secundário, que não mais envolve só aquilo que é prazeroso, mas sim o que é real, ainda que não seja agradável, “em vez de presentificar imediatamente o objeto faltante na forma de uma alucinação, o aparelho psíquico passa a representá-lo como aquilo que não está, mas deverá retornar” (KEHL, 2009, p. 112).

É importante frisar que não há a completa substituição do Princípio do prazer pelo Princípio da realidade, como salienta Freud (1911/2010, p. 86): “Na verdade, a substituição do princípio do prazer pelo da realidade não significa a deposição do princípio do prazer, mas a sua salvaguarda”. Por isso, a importância do Princípio da realidade, ou seja, da não satisfação desenfreada ao nosso tempo, que diria respeito a um prazer momentâneo e “incerto

quanto a seus resultados” (FREUD, 1911/2010, p. 86), mas justamente a adaptação a um prazer seguro posterior. Dessa forma, passa a haver um adiamento da satisfação e uma aceitação temporária do desprazer, que é o aumento da quantidade de excitação, visto como tensão para o aparelho psíquico.

O sujeito do desejo inconsciente é estabelecido pelo trabalho de representar o objeto de satisfação esperado, tentando anular o angustiante hiato de tempo vazio. Sendo assim, é importante localizarmos que o sujeito passa a se dar entre o tempo urgente da demanda do Outro e o tempo referente ao circuito pulsional (KEHL, 2009). Logo, cabe salientar que o tempo dos sujeitos de nossa época que chegam aos consultórios dos analistas não diz respeito apenas a um tempo da pura pressa desenfreada do capitalismo, mas há algo próprio do tempo da pulsão, que busca satisfação e mais além da satisfação.

Em *Além do princípio do prazer* (1920/2010), Freud começa a elaborar sobre a compulsão à repetição, e como ela, na verdade, parece ser mais elementar do que o Princípio do prazer. Há, então, uma função do aparelho psíquico que não está em contraste ao Princípio do prazer. Essa função não é independente dele e parece ser mais primordial que o objetivo de ter prazer e evitar desprazer. Como expõe Freud (1920/2010, p. 170): “O princípio do prazer, então, é uma tendência que se acha a serviço de uma função, a qual cabe tornar o aparelho psíquico isento de excitação, ou conservar o montante de excitação dentro dele constante ou o menor possível”. Isto posto, a pulsão tem uma tendência ao retorno à quietude do mundo inorgânico, qual seja, a disposição à restauração de um estado anterior e de inércia.

Nessa medida, Freud começa a elaborar a relação entre a pulsão de morte e o além do princípio do prazer. Será com a gênese do conceito da pulsão de morte, a partir do segundo dualismo pulsional, que permitirá que se dê à pulsão seu verdadeiro estatuto (JORGE, 2003). Antes, iremos desenvolver a trama conceitual até chegar a este momento.

A pulsão, que foi introduzida em 1905 e trabalhada continuamente por Freud, trata-se de um conceito fronteiro entre o anímico e o somático; é uma força constante que se satisfaz apenas parcialmente, havendo, portanto, apenas um momentâneo apaziguamento. Freud (1915/2004) sintetiza alguns elementos¹ no que se refere a ela: pressão, meta, objeto e fonte. Como já apontado, na pulsão há seu essencial aspecto de exercer pressão, ou melhor dizendo,

¹ É importante frisar que desde 1905 já havia a elaboração da pulsão e de seus respectivos elementos, tais como a fonte, o objeto e o alvo. Em 1915 haverá um acréscimo com a força da pulsão.

“a medida da exigência de trabalho que ela representa” (1915/2004, p. 148) de forma constante. Já a meta da pulsão diz respeito à sua satisfação, que sempre será parcial. Justamente por sua natureza, há a impossibilidade de ela se satisfazer completamente, sendo uma busca contínua. Esta última concepção se dá precisamente porque não há objeto definido da pulsão: ele é o que há de mais variável nela e que possibilita que a pulsão atinja a sua meta. É o que posteriormente Lacan irá conceber como *objeto a*, objeto causa do desejo; objeto faltoso que expõe o seu caráter de poder ser encarnado por qualquer objeto. E, por fim, a fonte da pulsão se trataria de um “processo somático que ocorre em um órgão ou em uma parte do corpo e do qual se origina um estímulo representado na vida psíquica pela pulsão” (FREUD, 1915/2004, p. 149) e possui uma estrutura de borda.

Além disso, Freud irá engendrar o primeiro dualismo pulsional em 1910, tratando da oposição entre as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação (ou pulsões do eu). Em *Introdução ao narcisismo* (1914/2010), Freud postula sobre a libido de objeto e a libido do eu. A primeira é o investimento nas representações mentais dos objetos em geral, e a segunda é o investimento na representação mental do eu. Na libido do eu, o eu, na verdade, passa a ser visto como objeto investido, tendo, portanto, valor de objeto. Se anteriormente somente a pulsão sexual tinha libido, a partir de 1914, o eu também é libidinizado. Assim, a pulsão do eu (ou de autoconservação) e a pulsão sexual estariam no mesmo campo e não teria porque haver tal dualismo. Dessa forma, juntamente com o avanço no estudo das psicoses que questionará a autoconservação das pulsões do eu, que o primeiro dualismo cairá por terra e será substituído pelo segundo, onde será inserida a pulsão de vida, que é a junção entre as pulsões sexuais e de autoconservação, e a inserção do conceito de pulsão de morte, que será o que de fato conhecemos como pulsão. Após o desmantelamento do primeiro dualismo, podemos concluir que toda pulsão é pulsão de morte.

Enquanto a pulsão de vida compõe-se pela produção de fusões para a criação de novas configurações e para conservar a vida, a pulsão de morte visa o estado inorgânico, possui um caráter desagregador contido na sua repetição. Como orienta Jorge (2003, p. 31): “a pulsão é imperiosa, ela exige, a todo custo, a satisfação, ela jamais renuncia a obter a satisfação que almeja, [...] é de uma exigência radical”. Isso se dá justamente porque seu objeto de satisfação completa é *das Ding*, a Coisa, que não existe. Em contrapartida, oferecemos a ela o *objeto a*, que apenas satisfaz parcialmente.

Portanto, na busca pela satisfação total, a pulsão se direciona para a Coisa, *das Ding* (face real do *objeto a*), que é a morte - como disse Freud -, ou o gozo absoluto, como concebe Lacan. Com esse vetor mortífero há um empuxo-ao-gozo, ou à morte, na sua tendência a zerar as tensões de forma absoluta. Será através da fantasia, no caso da neurose, que haverá a redução do gradiente mortífero, como uma espécie de freio. Ela é que possibilita que haja desejo (JORGE, 2003).

Assim, de maneira geral, há a pulsão e seu tempo próprio, que jamais desiste de lutar pela satisfação: há uma radicalidade na sua repetição que se empenha no mais além do Princípio do prazer. Desse modo, o trabalho de representação se coloca como fundamental para que o psiquismo não funcione puramente em prol do puro gozo da pulsão de morte.

Logo, junto ao tempo da pura pressa da cultura contemporânea, há algo próprio da urgência do sujeito no que diz respeito às suas exigências pulsionais. Cabe também à cada cultura maneiras distintas de ofertas de formas de regulação dessa pulsão, assim como na oferta de diferentes modos de satisfação.

O tempo lógico

O sujeito da psicanálise se verifica a partir de uma lógica temporal, ele se dá a partir de um intervalo de tempo e não de uma localização espacial objetiva.

Para a psicanálise lacaniana, o tempo da sessão segue o tempo lógico do inconsciente. Será a partir do corte como técnica que permitirá que se revele o sujeito barrado, este sujeito que é atravessado pela função do significante (ANTONIO, 2014).

A psicanálise, independentemente do tempo de duração das sessões, é um percurso em que *o tempo não deve contar*. Nesse sentido, ela oferece a possibilidade de um (re)encontro do sujeito psíquico com a temporalidade perdida - a começar pela recuperação da experiência atemporal das manifestações do inconsciente (KEHL, 2009, p. 18, grifos da autora).

Por conseguinte, Lacan em *O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada* (1945/1998) irá introduzir um problema lógico para estruturar essa questão. Trata-se de um sofisma que narra sobre um diretor de presídio que propõe um desafio para três prisioneiros. Caso algum deles acerte, como recompensa poderá ser libertado da prisão. O desafio é o seguinte: há dois discos pretos e três brancos, e o diretor irá prender um disco nas costas de cada um; com isso, o prisioneiro não será capaz de ver o disco que está colado consigo,

porém, dos outros dois, sim. Nessa medida, ganhará a liberdade quem primeiro acertar a cor do seu próprio disco a partir da dedução pela observação dos outros. Para isso, será preciso que o participante observe para além dos discos dos outros dois, que justamente observe as reações e hesitações também (exceto no caso de ver dois discos pretos nas costas dos outros dois). Lacan propõe que se trata de uma questão cuja resolução deve se dar através de um aspecto lógico e não meramente probabilístico.

Há três soluções possíveis que se construirão a partir de três tempos. O primeiro momento se refere ao instante de ver. É instantâneo na medida em que, diante de dois discos pretos, conclui-se imediatamente que o seu é branco, “vê-se o valor instantâneo de sua evidência, e seu tempo de fulguração, se assim podemos dizer, seria igual a zero” (LACAN, 1945/1998, p. 204). Já no segundo momento se trata da solução que envolveria dois brancos e um preto, que é o momento de compreender, pois os dois que possuem os discos brancos hesitam ao ver um disco negro, caso um deles se antecipe, o outro conclui que é preto. A intuição do sujeito se coloca na hipótese de que, caso fosse preto, os outros dois brancos que vê não demorariam a se admitirem brancos.

Tal intervalo, proposto por Lacan como a duração de um tempo de meditação – que não é passível de mensuração –, coloca-se como um período em que há uma reflexão por parte do sujeito ante a reação dos outros dois. Logo, será isso que permitirá que ele se precipite para o terceiro momento: o de conclusão.

O momento de concluir é como uma rápida fulguração que precipita o sujeito para que ele se liberte e tenha a posse de uma certeza antecipada, ou seja, uma certeza que não tem garantia: “Apresso-me a me afirmar como branco, para que esses brancos, assim considerados por mim, não me precedam, reconhecendo-se pelo que são. Eis aí a asserção sobre si, pela qual o sujeito conclui o movimento lógico na decisão de um juízo” (LACAN, 1945/1998, p. 206).

Destarte, é a partir deste tempo que há o “advento do sujeito propriamente dito, que se desprende do registro da identificação com seus companheiros de cela para afirmar, por sua conta e risco, quem ele é” (KEHL, 2009, p. 114). Essa afirmação sobre quem se é, é importante pontuar, nunca é inteiramente assegurada, pois nada fixa o sujeito de forma inteira e eterna, já que “o ser é um efeito simbólico da certeza antecipada do sujeito desejante” (KEHL, 2009, p. 114). Com isso, o instante de olhar e o momento de concluir acontecem de

forma instantânea, já o tempo para compreender dura o tempo de meditação, que não é passível de ser quantificado e objetivado.

Assim sendo, com esse sofisma lógico, podemos compreender o motivo que faz com que a análise lacaniana se dê a partir da técnica da sessão de duração variável, que leva em conta esses três tempos mencionados, que priorizam as variações de fala daquele que está em análise. O instante de olhar pode ser empregado pela repetição que produzirá uma retificação subjetiva. Já o tempo para compreender se trata da travessia da fantasia. Por fim, o momento de concluir trataria da sustentação do momento precedente, que permitirá a asserção da certeza antecipada por parte do sujeito (ANTONIO, 2014).

Essa explicação e análise feitas a partir do estatuto lógico do sofisma e a maneira pela qual isso é levado à prática analítica nos demonstra a marca que há entre o saber do sujeito do inconsciente e a experiência subjetiva do tempo. Mais do que isso, a formulação do tempo lógico nos faz perceber como o sujeito só pode obter a verdade, não-toda, a partir do Outro. E, principalmente, expõe a vinculação entre linguagem, inconsciente e tempo.

Diante dessa cultura da velocidade da qual vivemos, cabe destacar que o tempo lógico que precipita ao tempo da certeza antecipada não pode ser entendido e associado como o da pura pressa da temporalidade atual. Há entre ambos uma drástica distinção, visto que, no tempo lógico, é necessário um período anterior com a duração de um tempo de meditação que se destina, por fim, ao advir do saber inconsciente, libertando o sujeito de uma relação especular (KEHL, 2009).

Vemos, então, como o saber inconsciente se dá a partir de outra ordem. Será pela premissa imprescindível da duração que permite a historicização do sujeito que fará com que ele se solte das identificações imaginárias e apreenda esse saber, por sua conta e risco, para o momento de concluir. Nessa medida, nesse modo de compreensão do tempo lógico, ele não pode ser confundido a uma demanda de pura urgência vinda do Outro.

Assim, é coerente pontuar a decisiva diferença entre o tempo da certeza antecipada e o tempo da pura pressa da atualidade. O primeiro não pode prescindir da duração, do contrário se restringiria a uma precipitação incongruente. E o segundo é característico de uma temporalidade vazia, como uma junção de instantes que não se deriva de uma experiência antecedente de duração, não possibilitando nenhuma criação. Inclusive, poderíamos afirmar

que essa temporalidade da rapidez como imperativo, na verdade, atropela a fundamental duração do momento de compreender.

Considerações finais

Diante de tudo o que foi explanado, nos surge a seguinte indagação: o tempo da psicanálise cabe no tempo de hoje?

A experiência analítica nos coloca em um espaço onde o sujeito é convocado a um saber fazer com o próprio tempo, possibilitando-o se desprender diante da urgência e das demandas apressadas do Outro. Por conseguinte, ao estarmos inseridos na lógica da produção, a produtividade que nos é exigida gera consequências sobre o modo de desfrutarmos a nossa experiência do tempo, que, cabe lembrar, é o tecido de nossas vidas, partindo da fala de Antonio Candido. Como nos transmite Kehl (2009, p. 141): “A sociedade contemporânea vem produzindo - e sofrendo com isso - uma invasão de formas imaginárias desse Outro apressado, que não admite nenhum tempo ocioso que não seja rapidamente preenchido por ações que visam satisfação imediata”. Assim, mesmo o momento de lazer está sob a ótica do “aproveite a sua vida ao máximo”, o que demonstra como o imperativo da lógica do desempenho está sob os nossos olhos, já que não possibilita que o sujeito se engaje em algo da ordem do criativo, na medida em que o aproveitamento do tempo deve se dar de maneira alinhada ao aspecto mesmo da produção, acumulação e performance.

Portanto, como salienta Kehl (2009), passa a haver uma completa desvalorização do sujeito por seu próprio tempo - que se mede, na verdade, como meio para obtenção de dinheiro. Sendo assim, a “perda de tempo” e o que isso envolveria seria meramente referente a uma “perda de cifras”. Com isso, o tempo livre é visto sob a mesma ótica do tempo do trabalho: não há tempo ocioso, que é entendido como tempo e vidas vazios. Destarte, não há tempo para o devaneio, que poderia propiciar criação e imaginação.

Podemos concluir, portanto, que a experiência do inconsciente - que, como elaboramos anteriormente, precisa de tempo - também passa a ser vista como improdutiva e desnecessária. Ou seja, o que é valorizado é a temporalidade presente e urgente: o presente contínuo. Nessa medida, os sujeitos das exigências não se permitem ter devaneios, fantasias ou reminiscências, que, devemos ressaltar, são imprescindíveis para a experiência de uma análise.

Nesse ponto, cabe nos interrogarmos o quanto a lógica da performance e do desempenho na contemporaneidade – cada vez mais líquida e marcada pela urgência – propicia que o sujeito, em sua angústia pela cura, permita-se percorrer por vias que prometem uma ideia de cura rápida, ou um ágil apaziguamento imaginário fornecido pelas altas quantidades de medicamentos, por exemplo. É comum escutarmos no consultório hoje pessoas que chegam com demandas dirigidas ao analista na pressa pela busca por uma cura.

Deitar-se em um divã e investigar a própria existência implica na entrada em uma Outra temporalidade e em um amortecimento da aceleração como modo de viver. A psicanálise opera com o mal-estar presente na cultura, trabalhando a partir da linguagem, da fala, da falta e dos furos, pensando que o tempo não deveria ser sinônimo de exigência e resultado imediato, mas relacionado à importância do caminhar de cada um, do prelúdio.

Nessa medida, buscamos finalizar este trabalho sinalizando a importância da psicanálise, hoje, mais ainda. Frisamos a relevância de um “tempo de parada”, no mandamento presente da falta de tempo atual. Com a análise, é possível que o sujeito aceda a uma nova maneira de se colocar no que diz respeito ao seu modo de se satisfazer. Como salienta Antonio (2014), uma maneira menos sintomática. Para tal, é necessário o investimento no tempo de meditação para compreender as voltas do sintoma psíquico, levando em conta a atemporalidade das formações inconscientes ou o tempo da pulsão, já que o tempo marcado pelo relógio é abstrato e meramente formal – e está nos adoecendo.

Referências

ANTONIO, C. A. de O. **Considerações sobre o tempo na psicanálise**. 2014. 154 f. Dissertação (Mestrado em Psicanálise) – Programa de Pós-graduação em Psicanálise, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2014.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BIRMAN, J. A psicanálise e a crítica da modernidade. In: HERZOG, R. (Org.). **A psicanálise e o pensamento moderno**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2000. p. 109-130.

CUGINI, P. Identidade, afetividade e as mudanças relacionais na Modernidade Líquida na teoria de Zygmunt Bauman. **Diálogos possíveis**, Bahia, v. 7, n. 1, p. 161-178, 2008.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ENCONTRO INTERNACIONAL DA IF-EPFCL, 5, 2008, São Paulo. **Anais do Encontro Internacional da IF-EPFCL** São Paulo: Internacional dos Fóruns do Campo Lacaniano, 2008. Disponível em: <https://www.champlacanian.net/public/4/rdv2008.php?language=4>. Acesso em: 08 mar. 2021.

FINGERMANN, D. O tempo na experiência da psicanálise. **Revista USP**, São Paulo, n. 81, p. 58-71, mar./maio 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13731/15549>. Acesso em: 7 mar. 2021.

FREUD, S. O chiste e a sua relação com o inconsciente. (1905). In: FREUD, S. **Obras completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. V. 7. p. 13-257.

FREUD, S. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. (1911). In: FREUD, S. **Obras completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. V. 10. p. 81-91.

FREUD, S. Recordar, repetir e elaborar. (1914). In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1990. V. 12. p.189-203.

FREUD, S. Introdução ao narcisismo. (1914). In: FREUD, S. **Obras completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. V. 12. p. 9-37.

FREUD, S. Pulsões e destinos da pulsão. (1915). In: FREUD, S. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente: obras psicológicas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2004. V. 1. p. 133-174.

FREUD, S. O inconsciente. (1915). In: FREUD, S. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente: obras psicológicas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. V. 2. p. 13-74.

FREUD, S. A transitoriedade. (1916[1915]). In: FREUD, S. **Obras completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. V. 12. p. 185-189.

FREUD, S. Além do princípio de prazer. (1920). In: FREUD, S. **Obras completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. V. 14. p. 120-178.

FREUD, S. O ego e o id. (1923). In: FREUD, S. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente: obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V. 19. p. 15-79.

FREUD, S. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. (1933[1932]). In: FREUD, S. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente: obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V. 22. p. 17-155.

FREUD, S. Análise terminável e interminável. (1937). In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. V. 23. p. 239-287.

GARCEZ, M. M.; COHEN, R. H. P. Ponderações sobre o tempo em psicanálise e suas relações com a atualidade. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 17, n. 3, p. 348-362, dez. 2011. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682011000300002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 27 maio 2019.

HAN, B. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2015.

JORGE, M. A. C. A pulsão de morte. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte, n. 26, p. 23-40, 2003.

JORGE, M. A. C. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan: as bases conceituais**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. V. 1.

KALLAS, M. B. L. de M. O sujeito contemporâneo, o mundo virtual e a psicanálise. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 38, n. 71, p. 55-63, jun. 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952016000100006&fbclid=IwAR0wAuzYKd8e0Hk83r19922WOec-7PYssnnksxkrwBLfb_3XCwbMPU1kvNY. Acesso em: 27 maio 2019.

KEHL, M. R. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões**. São Paulo: Boitempo, 2009.

LACAN, J. O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada (1945). In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 197-213.

LA TAILLE, Y. de. **Formação Ética**: Do tédio ao respeito de si. Porto Alegre: Artmed, 2009.

LIPOVETSKY, G. **Os Tempos Hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

MACHADO, J. Reflexões sobre o Tempo Social. **Revista Temática Kairós Gerontologia**, Vulnerabilidade/Envelhecimento e Velhice: Aspectos Biopsicossociais, São Paulo, v. 15, n. 6, p. 11-22, dez. 2012.

SANTOS, E. E. S. **Psicanálise e (pós)modernidade**: uma discussão sobre a clínica do desejo no mundo líquido. 2019. 41 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

Recebido em: 20/08/2020.

Aceito em: 30/08/2020.